

Ginásio Poliesportivo da Embrapa

A execução destes, dois empreendimentos é apenas uma parte do que foi aprovado pelo Conselho Administrativo e pela Diretoria-Executiva da Embrapa – DE ainda em 2.001. O conjunto completo ainda contempla a



Interior do Ginásio

construção de um Centro de Treinamento, com cerca de 4.000 m², aí incluídas salas de aula, acomodações para os treinandos e parte administrativa, piscinas para adultos e crianças, academia para ginástica com lanchonete, campo para tênis, campo para vôlei de praia e churrasqueiras. Estas obras, entretanto, ainda não têm sua programação de execução definida.

As construções do Ginásio Poliesportivo e da Pista para Cooper só foi possível graças a parceria entre a Embrapa, Ministério do Esporte e Turismo e Caixa Econômica Federal, esta como gestora do processo, o Ministério com o repasse da maior parte dos recursos (R\$ 500.000,00) e a Embrapa como executora e participante do empreendimento com o valor de R\$ 83.598,48.

O contrato de repasse entre o Ministério e a Embrapa, tendo a Caixa como gestora, foi assinado em 31/12/2.001. Nessa fase, a participação da Assessoria Parlamentar da Embrapa – ASP foi decisiva. Assinado o contrato, passou-se a correr contra o relógio, pois os projetos completos e a licitação deveriam ficar prontos no máximo até o final de abril de 2.002 porque o contrato de repasse encerrar-se-ia no final do ano. Então, a “toque de caixa”, a CEN/DRM iniciou a elaboração do projeto de arquitetura, contratou os projetos de fundações, cálculo estrutural, instalações elétricas

e hidráulicas, telefone e preparou a documentação para a licitação. Mesmo com os atropelos, comuns em processos feitos às pressas, no dia 29/04/2002, a Comissão de Licitação recebeu documentação e proposta de 16 firmas interessadas em executar a obra. Transcorridos os



Visão externa

prazos legais para recurso, nas fases de habilitação e julgamento das propostas, em 22/05/02 publicou-se o resultado da licitação e em 24/05/02 o processo foi homologado. Nesse mesmo dia, o processo foi submetido à Caixa Econômica que, após analisar, autoriza a Embrapa a contratar o objeto licitado, o que se deu em 26/06/02. Feito o primeiro faturamento, novo impasse surgiu em

decorrência da dificuldades burocráticas quanto à localização dos recursos repassados. Graças à ação da DE, rompeu-se mais esta barreira.

Os problemas surgidos no início da obra refletiram-se no seu prazo de conclusão, que teve de ser adiado, pois o atraso nos dois primeiros meses fez aproximar-se o período das chuvas, o que prejudicou bastante o andamento dos serviços. A DE autorizou a execução de alguns serviços, não previstos originalmente, para corrigir e/ou adaptar o ginásio ao desejo dos usuários.

A comissão designada para vistoria e receber provisoriamente a obra encontrou algumas incorreções que deverão ser corrigidas pela empreiteira em 20 dias corridos, a partir de 28/03/03.

Itamar de Sales Reis

Embrapa–Sede

itamar.reis@embrapa.br

Fotos: **Roberto Francelino**

A Embrapa em versos

Mês passado, abril, a Embrapa completou 30 anos. Criada em 1973, ela se consolidou ao longo do tempo, pela visão estratégica com a qual foi planejada e conduzida, onde resultados de pesquisa mais significativos só começaram a aparecer nas últimas duas décadas, ou seja, dez anos depois da sua criação.

Em pesquisa, as coisas acontecem assim. Não é como caldo de cana, onde se enfia a cana e imediatamente se retira o caldo, do outro lado da máquina. Mas a empresa conseguiu formar um acervo considerável de tecnologias, produtos e serviços e adentra a adulta, como líder na América Latina em pesquisa agropecuária e com o respeito das instituições científicas nacionais e internacionais, conquistado ao longo desses 30 anos.

A propósito de conquistas, a Embrapa Informação Tecnológica está lançando um livro (um livreto, a bem da verdade), intitulado Brasil, do descobrimento à Vitória, onde é relatado, de forma breve, os avanços da pesquisa brasileira na área de reprodução animal, com ênfase nos trabalhos desenvolvidos na Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia.

Essa área avançou muito nos últimos anos, como se pode medir pelos registros na mídia. Só que passado aquele boom, parece que a coisa cai no esquecimento. O livreto faz um resgate dos principais feitos

relativos ao tema, utilizando a linguagem poética, musical e simples da literatura de cordel. Com isso, busca-se atingir um número maior de leitores ou de ouvintes (porque o livro poderá ser cantado), também.

É um livro feito dentro das condições atuais de escassez de recursos, na base do idealismo! Eu fiz o texto, o Elson (aposentado), auxiliado pelo Gustavo e pelo Cristiano (estagiários) fizeram as ilustrações; o Cláudio e o Regivaldo as fotografias. Essa galera toda é ou foi da Embrapa Recursos Genéticos e

Biotecnologia e emprestou seus talentos voluntariamente. Não posso deixar de mencionar o empenho e a dedicação da equipe da Embrapa Informação Tecnológica na revisão,

designer gráfico, impressão (Francisco, Caseda, Lucilene, Walmir & Cia.).

Esse livro é o começo de uma idéia. Se alcançar o objetivo esperado, vamos nos utilizar da mesma linguagem para falar de outros avanços científicos obtidos pela Embrapa, em outras áreas. E são muitos! É uma forma de resgatar o dia a dia da pesquisa, todo dia com um “prato cheio de novidades”. É uma forma também de homenageá-la e ao seu corpo técnico e de apoio, responsáveis diretos pelo sucesso da Empresa nesses 30 anos de existência! **Parabéns à Embrapa e a todos nós, que a compomos!**

Edvalson Bezerra Silva

(Mocoin)

Embrapa Cenargen

mocoin@cenargen.embrapa.br



JORNAL DA FEDERAÇÃO

Publicação da Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Brasília, DF, maio de 2003 - Ano 17 - nº 79

FAEE 19 anos de história

A Federação das Associações dos Empregados da Embrapa – FAEF, criada em 22 de maio de 1984, é o mais antigo segmento representativo dos embrapianos.

Página 4

Uma história de amor sem fim

Com apenas 12 anos, José partiu de casa, no sertão, levado pelo pai, a um colégio interno, para prosseguir os estudos.

Página 3

O potencial da Embrapa e seu estoque de conhecimento

O histórico da Embrapa no cenário da agricultura brasileira mostra-se promissor na medida em que ela soube ajustar-se ao longo do tempo, para manter-se atualizada não só no aspecto científico, como no aspecto tecnológico.

Página 5

O destaque deste mês é Ana Paula Sivieiro Leite, da Embrapa Gado de Corte. Ela trabalha na Empresa há 8 anos.

Página 5



Embrapa Gado de Corte

Ana Paula

“A Embrapa representa minha esperança e o meu futuro”.



Foto: Roberto Francelino

Ginásio Poliesportivo da Embrapa

A execução deste empreendimento é apenas uma parte do que foi aprovado pelo Conselho Administrativo e pela Diretoria-Executiva da Embrapa – DE ainda em 2001.

Confira na página 8

A Embrapa em cordel



Livro do cordelista embrapiano Edvalson Bezerra Silva (Mocoin), do Cenargen.

Página 8

Editorial

No último dia 26 de abril, a Embrapa completou 30 anos de relevantes serviços prestados ao Brasil. A data foi marcada com a visita do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que não economizou elogios à Empresa.

Os predicados da Embrapa, inclusive como referencial em ciência, tecnologia e agronegócio no País, não são novidades para a sociedade e muito menos para seu corpo de empregados, que tem o maior orgulho dos resultados que a Empresa já ofertou e pode oferecer à sociedade brasileira.

A despeito da consciência e da missão da Embrapa, e do ideal sempre presente entre o corpo de empregados que faz a Empresa acontecer, é patente o ressentimento pelas dificuldades decorrentes da seqüência de orçamentos declinantes nos últimos

anos, e da não realização das dotações aprovadas. Além do mais, acrescenta-se o desconforto proveniente da perda do poder aquisitivo dos salários que não recebem reposição efetiva há mais de 8 anos.

O declínio de uma estrutura pública também é sinalizado pela ocorrência de corte orçamentário sistemático e pelo cerceamento de recursos financeiros para suas necessidades básicas. Para a nossa Empresa, de há muito tempo, só a retórica dos elogios não basta.

Temos a consciência de que a Embrapa somos nós, seus empregados. É por essa razão que nos enxergamos refletidos nos elogios que se multiplicam, como nas dificuldades que se instalam.

Ismael Ferreira Graciano
Presidente da FAEF

Umas & Outras

"Não importa onde você parou...
Em que momento da vida você cansou...
O que importa é que sempre é possível e necessário recomeçar".

Carlos Drummond de Andrade

"Os filhos tornam-se para os pais, segundo a educação que recebem, uma recompensa ou um castigo".

J. Petit Senn

"Um dia, vieram e levaram meu vizinho, que era judeu. Como não sou judeu, não me incomodei. No dia seguinte, vieram e levaram o outro vizinho, que era católico. Como não sou católico, não me incomodei. Por fim, vieram e me levaram e não ficou ninguém para reclamar".

Bertolt Brecht

Expediente

FAEF - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

<p>Diretoria Presidente: Ismael Ferreira Graciano Vice-Presidente: Maria do Rosário de Moraes Diretores: Nicola Radica, Eurenice Neves de Oliveira e João Quintino de Moura Filho</p> <p>Conselho Fiscal Titulares: Maria Alice V. V. de Albuquerque (AEE/Parnaíba), Rosângela dos Reis Guimarães (AEE/Amazonas) e Anélio Evilázio de Souza Júnior (AEE/BG)</p> <p>Suplentes: José Roberto Ferreira (AEE/CNPGL) João Ronaldo Novachinski (AEE/Dourados) e José Roberto Freire (AEE/CNPGC)</p> <p>Presidentes AEEs: AEE/DF - Manoel Pessoa Filho AEE/CNPH - Antônio Olímpio dos Santos AEE/CPAC - Gelson Aurélio Minela AEE/CENARGEN - Nilson Alves Carrijo</p>	<p>AEE/GO-CNPAP - Abidon Teodorico dos Santos AEE/CNPGC - Paulino Gauna Gomes AEE/CPAP - Oslan Domingos Brancos AEE/Dourados - João Ronaldo Novachinski AEE/CNPAB - Roberto Silva de Oliveira AEPARJ - Sérgio Trabalí Camargo Filho AEE/RC - Marlene Aparecida da Silva AEE/GL - Cláudio Nápolis Costa AEE/CNPMS - Anízio Ferreira Gomes AEE/CTAA - David Regis de Oliveira AEE/São Carlos - César Antônio Cordeiro AEE/SM - Adilson Carlos da Silva AEE/SNLCS - Wilson Sant'Anna de Araújo AEE/CNPPTIA - Suzilei F. de A. G. Carneiro AEE/CNPMF - Benedito Batista Conceição AEE/CNPA - Wilton Guedes Magalhães AEE/Parnaíba - Maria Alice V. V. de Albuquerque AEE/CNPAC - Edmilson Gomes do Nascimento AEE/Cajú - Vanderléia Bezerra de Oliveira AEE/Sergipe - José Ailton dos Santos</p>	<p>AESA - Rudinei Oliveira Gomes AEE/RN - Emídio Costa de Araújo AEE/Teresina - José Gomes da Silva AEE/Acre - José Tadeu de Souza Marinho AEE/RR - Haron Abraham Magalhães Xaud AEE/CPAF-RO - Rogério Sebastião C. da Costa AEE/Amapá - Claudéci Fernandes Trindade AEE/Amazonas - Rosângela dos Reis Guimarães AEE/Pará - Isanira Coutinho Vaz Pereira AEE/BG - Gláucia Maria Savoldi Moy AEE/Florestal - Yeda Maria Malheiros de Oliveira AEE/Pelotas - Gilmar Chaves Alves AEE/Bagé - Ana Adelaide Jardim Barcelos AEE/CNPISA - Valéria Maria Nascimento Abreu AEE/CNPSo - Rubens José Campo AEE/PF - Raul Alves dos Santos AEE/Transferência de Tecnologia - Ponta Grossa - José Carlos Monken Menon</p>	<p>FAEF - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa Sede: Edifício FAEF - SHCG/Norte 714/715 Bloco "B" Loja 12 / Parte Sobreloja - Asa Norte - Brasília - DF CEP: 70760-780 Fone: (0xx61) 347-3590 Fax: (0xx61) 273-7150 E-mail: faef@solar.com.br Homepage: www.faeef.org.br Jornalista Responsável: Lineu Marcos Gobeth MTb 376/PB - E-mail: lineu@sede.embrapa.br Fotos: AEEs Jornal da Federação é uma publicação da FAEF. Artigos assinados são de responsabilidade dos autores, não significando concordância da publicação ou da entidade com o seu conteúdo. Redação e edição: Nicola Radica Revisão de Texto: Francisco Martins - RG H93/MTb-DF Diagramação e Montagem: Hilton Pereira Sant'Ana Fotolito e Impressão: Plano Piloto Serviços Editoriais Tiragem: 12 mil exemplares</p>
--	--	---	--

Cantinho da Poesia e da Música

Ave Cativa

Algemas

Se eu aprendesse a dizer adeus
Talvez não estivesse agora aprisionada
Ao castanho dos olhos que são teus
E à tua imagem em meu ser gravada.

Se tivesse aprendido a não me prender
O adeus não seria assim sofrido
Não sentiria a dor de te haver querido
E o ardente desejo de ainda te querer.

Se eu aprendesse a me despedir
Cada um seguiria o seu caminho,
Sem lágrimas, sem dores, sem fingir,
Desligados das algemas de carinho.

Se eu pudesse, adeus, assim dizer
A mim pareceria uma loucura,
Não saberia como proceder,
Não fui criada a esta feitura.

E a cada pôr-do-sol em movimento
Minh'alma retorna aos sonhos meus
Não brilha nela a luz do esquecimento
Porque não cabe a mim ...dizer adeus!

Rachel Gueller Souza
Embrapa Florestas
rachel@cnpf.embrapa.br
Colombo, PR

Melhor ter um na mão que dois voando
É o que afirma um adágio popular,
Expressa insensatez do ser humano
Que, egocêntrico, a tudo quer domar.

Nas mãos do cativo o pássaro é mudo,
É triste, arrepiado e sem cantar.
Seu gorjear é pranto seco, absoluto,
Pois lágrimas não possui para chorar.

Melhor é mãos vazias e ter à vista,
Em graça, em alegria e em esplendor,
Contida em doces amarras da conquista
Aquele a quem tu chamas: meu amor.

A quem se ama, prende-se com carinho
E é por ternura que se deve cativar.
Então, se dando por inteira, em desatino,
A presa do amor não quer voar.

Samuel Silva da Mata
Embrapa Tabuleiros Costeiros
Aracaju, SE

No Céu (da Boca)

O que são as estrelas,
Senão sinais,
Como em pele
De órgão ou organismo.

Indivíduos como planetas,
Que orbitam e desorbitam
Num complexo inatingível
De um forte suspirar.

Variáveis e inconstantes,
Como gametas
Prometendo eternizar
No mais ínfimo dos cantos?

Renato Wagner
Embrapa Algodão
renato.wagner@cnpa.embrapa.br
Campina Grande, PB

São só pontos,
De uma muito mais vasta
Codificada língua,
Que exposta causa espanto.

Dias Difíceis

Um coração que chora,
Um coração que espera,
Uma alma rasgada,
Uma alma que crê.

Um desespero constante,
Uma paz profunda,
Uma luz no fim do túnel,
Uma saudade que inunda.

Lágrimas que correm soltas,
Presas no interior
Dores que ferem a alma,
Que esperam o outro
Pedaço de mim.

Cansaço,
Consolo
Desânimo,
Fé.

Gritos que ecoam por dentro
No silêncio turbulento do meu ser
Feridas não tratadas
Que eu não sei onde estão.

Tenho o remédio,
Mas não sei onde aplicá-lo
Meu remédio vem de Deus
E o comprimido é você.

Emle Graciano
Brasília, DF

A agricultura pobre

Comecei minha carreira na extensão rural de Minas Gerais, Acar, hoje Emater-MG. Fui seduzido pelo fato de a recém-criada organização trabalhar com a agricultura familiar². E Acar prosperou sob o lema de trazer a agricultura familiar para a modernidade. O seu braço mais forte era o crédito supervisionado e, por ele, se considerava o estabelecimento e a família igualmente passíveis de serem financiados³. A tecnologia tinha que ser difundida no lar e na agricultura. Em 1956, o sistema se expandiu por outros estados. E em 1963, era uma idéia aceita no Brasil todo e sua base principal era a agricultura familiar.

Na década de 70 e até a redemocratização, a extensão rural foi chamada a incorporar-se ao esforço de fazer crescer a agricultura, a fim de abastecer as cidades e de aumentar as exportações. A agricultura familiar deixou de ser o fulcro de suas ações. Diretamente não foi discriminada. Como o crédito rural era o instrumento principal da política agrícola, pelos seus mecanismos de auto-seleção, vigentes ainda hoje, ele levou aos agricultores pequenos se

excluírem, porque não tinham título de propriedade, por medo de correr risco e por nível baixo de escolaridade⁴. Ninguém precisou dizer não a eles, por isso, auto-seleção.

Com o governo Lula, a agricultura familiar é o centro das atenções. O objetivo é incluir o maior número possível de agricultores na marcha da modernização. Julga-se que há de 600 mil a 1 milhão, dos 4,9 milhões de estabelecimentos, que têm acesso à tecnologia. A tarefa de inclusão é gigantesca, e não pode ser adiada.

Qual é o fundamento da exclusão?

a) Uma minoria porque não quer correr risco, de livre escolha, portanto.

b) A grande maioria porque não tem escolaridade e recursos suficientes para tirar proveito dos instrumentos de política agrícola, como o crédito rural, a extensão rural, acesso direto à pesquisa, à política de aquisição de estoques e de preços e acesso à informação de massa. São vítimas imensoais dos mecanismos de auto-eliminação que os instrumentos de política agrícola comandam.

c) Cerca de um milhão, ou

quem sabe mais, tem estabelecimentos tão pequenos e de recursos naturais tão pobres, e, ainda, distantes das cidades.

d) Pagam muito mais caro pelos insumos e recebem muito menos pelos produtos que o agricultor de porte, mesmo quando cooperativados.

e) O governo põe muito pouco recurso nos instrumentos designados para atender a agricultura familiar. Nós da Embrapa, por exemplo, precisamos de muito mais recursos para ir a eles, ouvi-los e entendê-los. E trazê-los aos nossos centros de pesquisa e torná-los membros de nossos conselhos.

f) Desconhecimento técnico sobre como capitalizar um agricultor de modo que, depois de um certo período, tenha o capital físico e conhecimentos suficientes para andar por conta própria. Como economistas, o que fizemos para resolver este problema que não é trivial, como muitos pensam?

g) Desconhecimento de como ajustar a extensão pública ao paradigma da agricultura familiar. O modelo francês merece ser estudado. Usamos algo semelhante, quando presidente da Codevasf.

Um desafio enorme assoberba a Embrapa. Temos que gerar conhecimentos sobre os instrumentos de política agrícola e propor novos. Temos que identificar que fatores impedem à tecnologia que geramos de beneficiar os agricultores familiares, certamente são fatores externos à tecnologia. Precisamos identificar que tecnologias ainda precisam ser produzidas tanto para a agricultura familiar e quanto para a comercial. E precisamos obter recursos para tudo isso. Felizmente, temos liderança e competência para vencer e responder os sinais dos novos tempos. E faremos da Embrapa de hoje e do amanhã ainda melhor do que tem sido.

¹ Eliseu Alves
eliseu.alves@embrapa.br

¹ Eliseu Alves é pesquisador da Embrapa.

² A Acar foi criada em 1948. Fui seu servidor de 1955 a 1973, quando vim ajudar criar a Embrapa.

³ No caso do crédito supervisionado o estabelecimento tinha de ter área menor que 50 hectares.

⁴ O Rio Grande do Sul recebe do Pronaf mais recursos que o Nordeste todo, que abriga a maior parte dos rurícolas pobres.

Encontros Regionais das AEEs para 2003

Em reunião realizada nos dias 11 e 12 de abril, em Corumbá-MS, a FAEE, juntamente com os representantes de todas as AEEs da Região Centro-Oeste, decidiram que o encontro de confraternização deste ano, dos embrapianos da Região, será realizado de 18 a 22 de novembro

próximo, naquela cidade.

Aí está uma excelente oportunidade para conhecer o Pantanal.

Consulte sua AEE, pois as vagas são limitadas.

Em reuniões semelhantes à do Centro-Oeste, também já estão marcados os seguintes encontros:

Norte

I Embrapa Norte – De 19 a 25 de agosto próximo, em Manaus, AM – Terra dos importados.

Nordeste

XII Embrapa Nordeste – De 13 a 17 de outubro deste ano, em Petrolina, PE – “Terra do bode”.

Sul

XXV Embrapa Sul – De 5 a 9 de novembro deste ano, em Bagé, RS – Terra da ovelha e do bom churrasco.

Restando portanto, marcar apenas o encontro da Região Sudeste, que em principio será em Juiz de Fora, MG.

Uma história de amor sem fim

Com apenas 12 anos, José partiu de casa, no sertão, levado pelo pai, a um colégio interno, para prosseguir os estudos. Foi compelido a abandonar a barra da saia da mãe, e a deixar para trás seu mundo mágico de pássaros, rios, lagoas e baías. O que mais doeu mesmo foi deixar Bugrinha, sua grande e eterna paixão.

“Não podemos adiar mais. O tempo não volta e você precisa continuar os estudos. Amanhã, ao romper do dia, estaremos de partida”. Sentenciou seu pai, decididamente. “O estudo está em primeiro lugar”. Dizia o chefe da família, italiano austero e firme em suas posições, que enfrentou o desconforto daquela separação. Ele se remoía por dentro e mostrava, em seu semblante, uma dor incontida pela ausência do filho. Enfim, era seu “bambino” primogênito, condição que muito pesa na cultura italiana.

O colégio ou internato era distante. A administração estava a cargo de padres estrangeiros de rígida disciplina. Eles tomaram a incumbência de burilar aquele pantaneirinho chucro e arredio, que sempre tinha vivido a liberdade plena em comunhão com a natureza, da qual fazia parte.

“Pai, não me deixe aqui. Eu não quero estudar mais; já sei ler, escrever e fazer conta, está bom assim. Quero mexer com gado, ser da roça como o senhor é. Me leva de volta”.

Foi o último apelo comovido de José, com a mala de fibra na mão, na secretaria do internato. Não adiantou.

Naquele dia, pela primeira

vez, seu pai chorou na sua presença, mas se foi sem despedida, num momento de distração. José começava a viver as situações que a vida lhe reservara. Sentia a presença de torturante saudade por antecipação.

A turma de calouros oriundos de colônias e fazendas estava no mesmo nível. A brusca mudança de hábitos confundiu a cabeça de todos. Lá, se ministravam instrução e educação também. As aulas de etiqueta, boas maneiras e relações humanas eram diárias. As rezas intermináveis, enfadonhas e repetitivas, várias vezes ao dia, marcaram muito. Um grande equívoco, nesse particular, eram as penitências. As punições passavam, inclusive, por um determinado número de rezas. Isso fazia com que muitos tomassem aversão aos sagrados recursos da oração.

Na colônia, ficou o grande amor da vida de José. Por várias vezes, comprometeram-se com juras de amor, principalmente na tarde da despedida.

De batismo, era Maria Rita, em homenagem à Santa. De afeto e carinho de todos, era Bugrinha, em decorrência da semelhança de seus traços com os índios ou bugres, para os pantaneiros.

Era simples e pura como as flores dos banhados. Esbelta, cabelos negros e longos por herança de sua mãe, descendente de índio bororo. Seu pai fora da leva de retirantes nordestinos que tomou o leste mato-grossense, no início do século passado, em busca dos garimpos de diamantes.

Ao terminar aquela etapa de estudos, José mudou-se para a cidade grande, atraído por esse mundo que sempre iludiu os jovens interioranos. Esqueceu, por completo, da colônia e descuidou-se de sua amada também. “Ela está guardada na colônia, esperando por mim”, pensava. Ele não percebia que o tempo passava e que Bugrinha não era objeto de estimulação que pudesse ficar num canto por anos a fio.

Certo dia, ao receber a visita de sua mãe, veio a notícia do casamento de Bugrinha, que teve o efeito de uma explosão. Seu mundo desabou. Quis

interferir mas sua mãe não permitiu. “Com os sentimentos dos outros não se brinca. Quem ama considera, não humilha, não abandona, como você fez”, dizia ela com firmeza. José pagou muito caro por sua ingenuidade.

Transcorridos 2 meses do casamento, José continuava triste e amargurado. Não contendo a revolta, pediu a um primo que levasse um recado a sua amada:

– “Diga-lhe que a amo perdidamente, com todas as forças da minha alma e do meu coração, e que se ela quiser, vou buscá-la para gente sumir no mundo”.

Bugrinha aceitou, na hora, e desfez o casamento. O Pantanal estremeceu. A confusão foi geral.

A turma do abafa e do deixa-disso entrou em ação. Bugrinha reatou o matrimônio e mudou-se para outras plagas daquele sertão, e José foi terminantemente proibido pelo pai, de pôr os pés naquela região por prazo indeterminado. Afronta

dessa natureza, pelas “leis pantaneiras”, se paga com a vida.

Três anos depois, José apareceu para visitar os pais. Desconfiado, manso e com um filho nos braços.

Trinta anos se passaram.

Numa cerimônia de formatura na capital, voltaram a se encontrar casualmente. Lá, estavam José e Bugrinha frente a frente, por obra e graça do destino. Ficaram mudos, estáticos, em estado de choque. José não soube precisar quanto tempo durou aquela cena.

Trêmulos, se abraçaram sob irresistível atração.

Lágrimas mescladas com sorrisos deram o tom à conversa, que durou várias horas. Foram instantes de indescritível felicidade.

– Você mandou mesmo seu primo me levar aquele recado?

– Sim, e só não fui buscá-la porque toda a colônia com aquela italianada maldita me impediu.

As juras de amor se repetiram sob forte emoção.

Conscientes de que nos cenários de suas vidas tinham outros atores, despediram-se, enfim. Antes, porém, pediram ao Senhor do Universo que lhes desse uma nova chance na vastidão da eternidade, confiantes de que Ele é todo justiça, misericórdia e amor, também.

Nicola Radica
faee@solar.com.br

Presidente Lula visita a Embrapa

No último dia 30 de abril, por ocasião das comemorações do **30º Aniversário da Embrapa**,

inauguração do **Ginásio Poliesportivo da Embrapa**. O Presidente se fazia acompanhar de uma comitiva composta de ministros de Estado, parlamentares, da esposa Marisa e do representante da FAO, José Tobino.

Pinçamos as seguintes palavras do Presidente:

"...Eu sempre, nas minhas caminhadas, nas minhas caravanas pelo Brasil, raramente passei numa região que eu não tivesse, na minha agenda, uma visita a uma



representação da Embrapa. E fiz isso porque acreditava, e hoje acredito mais firmemente, que a Embrapa pode ser muito mais do que ela é, na medida em que o governo cumpra a sua pequena obrigação, que é a de garantir o

dinheiro para a continuidade das pesquisas e para as novas pesquisas que precisam ser feitas

agricultura brasileira, tornando-se a prova viva do quanto é importante pensar em um país estrategicamente".



neste país".

"...Os 30 anos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária nos trazem uma lição decisiva para o futuro. Criada em 26 de abril de 1973, a Embrapa desempenhou um papel fundamental na modernização da

de garantir a segurança alimentar, combater a fome, promover o desenvolvimento regional e gerar excedentes exportáveis. Há, portanto, espaço para todos e serviço de sobra para a Embrapa".

Fotos: Marcelo Leite

FAEE 19 anos de história

A Federação das Associações dos Empregados da Embrapa – FAEE, criada em 22 de maio de 1984, é o mais antigo segmento

Acordo Coletivo com a Embrapa, delegando essa função ao Sindicato por ela criado, tendo à frente um grupo de empregados idealistas.

A FAEE administra seguros, assim como é uma das fontes mantenedoras das AEEs no aspecto financeiro. Atualmente também

administra os recursos financeiros do Plano de Saúde dos empregados, além de oferecer assistência odontológica à família embrapiana por meio de convênio com uma instituição especializada. Fomenta e desenvolve ações culturais,

sociais e desportivas anualmente, em quatro regiões brasileiras. Neste ano, pretende envolver, nesse processo, a Região Norte. Dois encontros em nível nacional já foram



Momento histórico: Assinatura do 1º acordo coletivo (1987)

representativo dos embrapianos. Seu colegiado é composto de 41 associações de empregados. Foi o berço do Sinpaf, pois coube à Federação assinar o primeiro



II Embrapa Brasil - Salvador, BA (2003) Abertura em Cruz das Almas, BA.



I Embrapa Brasil - Brasília, DF (1996)

realizados: o I e II Embrapa Brasil, reunindo num só lugar, empregados da Embrapa e seus familiares de todas as regiões.



O destaque deste mês é Ana Paula Siveiro Leite, operária rural da Embrapa Gado de Corte, Campo Grande, MS. Entrou para o quadro de empregados da Empresa há 8

"A Embrapa representa minha esperança e o meu futuro".

(Ana Paula Siveiro Leite)

anos de idade.

Atualmente, na Embrapa Gado de Corte, participa de todas as atividades que envolvem o manejo animal, "A gente laça o animal no campo, traz para o mangueiro (ou curral), derruba, vacina, marca a ferro e castra. Também fazemos serviço de tatuagem, que consiste na colocação de número de registro na orelha dos bezerros. Atividade de campo envolvendo a lida de gado, para nós, não tem mistério", esclarece. Ana Paula já tocou boiada de 1.200 cabeças. "A gente saía de madrugada de uma fazenda e chegava às 10 da noite em outra, sem parar", informa. Mora



Na lida do gado na Embrapa

com os pais e os considera o que há de mais importante na vida. É solteira e não cogita, por enquanto, namoro ou mesmo casamento. "Não tenho namorado. No momento, minha meta é concluir meu curso de veterinária na Universidade para o

Desenvolvimento da Região do Pantanal, onde faço o primeiro semestre. Agora, se pintar alguém na minha vida, a gente fica, né", posiciona-se.

O lazer preferido de Ana Paula é a Festa do Laço Comprido, que significa laçar o animal à distancia e em movimento. Pescaria também está nas suas preferências. Gosta de dançar, adora pagode e é fã incondicional da música sertaneja, principalmente moda de viola, que faz parte da cultura popular da sua região. Na sua visão, o atual cenário político do País não está claro. "A questão política é complicada. Não sei como está essa Presidência do País, não deu para mostrar serviço, falta organização. Tem muita coisa que tem que mudar. É difícil falar sobre esse assunto, a gente não sabe o que vai acontecer amanhã", declara. Ela resume a felicidade de uma maneira simples. "Felicidade é ter emprego, amigos, lutar e conseguir o que se

quer na vida com os próprios esforços", enfatiza. O conceito pessoal com relação à Embrapa não poderia faltar. "Tudo o que consegui conquistar na vida até hoje, devo a essa Empresa. A Embrapa representa



Aula prática na Faculdade de Veterinária

minha esperança e o meu futuro", finaliza Ana Paula, "Ana Raio", para os íntimos, a peoa da Embrapa Gado de Corte, que tem um carinho especial para com a Empresa e que se orgulha do que faz.

O potencial da Embrapa e seu estoque de conhecimento

O histórico da Embrapa no cenário da agricultura brasileira mostra-se promissor na medida em que ela soube ajustar-se ao longo do tempo, para manter-se atualizada não só no aspecto científico, como no aspecto tecnológico. Isso se deu nos seus primeiros 20 anos de existência, quando a partir de então, através de seu planejamento estratégico, na década de 90, vislumbrou um nicho até então despercebido, que é o da parceria com os diferentes segmentos da agricultura, visando o negócio agrícola.

Fazer ciência, fazer tecnologia, sem visar os segmentos das cadeias produtivas para satisfazer o consumidor final, nos dava a impressão de que estávamos ficando no meio do caminho. Antes da

Embrapa, se fazia ciência desvinculada da tecnologia; com o advento da Embrapa, passou-se a fazer ciência visando a elaboração de tecnologias úteis ao desenvolvimento econômico e social do País. Foi quando se descobriu que a velocidade com que se transforma a ciência em tecnologia seria um bom indicador para o sucesso da instituição.

Mas isso não era o bastante. Foi quando se descobriu que o PIB brasileiro, nos produtos dentro da porteira, era pequeno em relação àquele que envolve o produto industrializado com agregação de valor e que envolve o negócio agrícola de forma mais global.

Contudo, o potencial da Embrapa e seu estoque de conhecimento tão destacado nesses anos e que até os dias atuais a mantém com destaque no cenário nacional e mundial, tende a esgotar-se. Isso pode acontecer, caso não se dê continuidade aos programas de formação de seus pesquisadores, quer no aspecto formal quanto no treinamento continuado em serviço.

Na figura 1, coloca-se em gráfico a trajetória da Embrapa ao longo dos anos. E resta uma expectativa no que se relaciona ao seu futuro. Coloca-se em linha pontilhada os três cenários para a Embrapa no início do milênio. Em sentido ascendente, se a criatividade, a formação de pessoal (formal e



treinamento em serviço) se fizerem sentir. Um patamar estável, se ela não buscar novos horizontes. E um sentido descendente se ela não cuidar do equilíbrio que deve existir entre ciência, tecnologia e negócio agrícola, visando a sua atualização e se não treinar seus pesquisadores, visando esse equilíbrio.

No gráfico, destacam-se na década de 70, os ganhos obtidos, que eram mais fáceis de se obter, com ciência e tecnologia. Na década de 80, manteve-se estável. Na década de 90, com o planejamento estratégico, houve ganho e a partir de 2000, os cenários.

Nedino Corrêa da Silva

Eng. Agrônomo, pesquisador aposentado da Embrapa e professor universitário